

# **Os conflitos indígenas e sua representação através das fotografias nos jornais online de MS**

Gabriel dos Santos LANDA; Mestrando em Antropologia  
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados - MS

Resumo: O trabalho tem como principal objetivo analisar como as fotografias publicadas nos jornais online de Mato Grosso do Sul, principalmente no cone-sul do estado apresentam e representam os conflitos por terra no estado. O artigo terá como principal foco os conflitos ocorridos em Caarapó em junho de 2016. Atenta-se para o fato de que as fotografias não são unicamente um objeto, mas é também um ator social e representa a cultura em que se insere. A metodologia utilizada foi uma análise dos jornais da região sul do estado de MS e busca entender quais imagens eram utilizadas em cada matéria jornalística e qual a percepção que buscava-se transmitir com cada ângulo e foco e como tais detalhes podem transmitir uma mensagem específica.

.

Palavras-chave: Fotografia; Imprensa; Indígena

Graduado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Unigran;  
Graduando em Tecnologia em Produção Publicitária pela Unigran; Mestrando em  
Antropologia pela UFGD – Link para Lattes -  
<http://lattes.cnpq.br/1812907904300752>

## Introdução

Este artigo busca analisar como as fotografias publicadas nos jornais online de Mato Grosso do Sul, mais especificamente sobre o conflito agrário entre indígenas Guaraní-Kaiowá e produtores rurais em junho de 2016 na cidade de Caarapó, cidade localizada a 280 km da capital, Campo Grande. Busca-se entender as fotografias escolhidas e qual mensagem estas transmitem para os leitores dos jornais. O conflito em questão ocorreu na fazenda Yvu, localizada em Caarapó, onde cinco indígenas ficaram feridos e um foi assassinado durante um ataque paramilitar que envolvia dezenas de camionetes e homens armados que atiravam contra os indígenas, até mesmo uma criança de 12 anos ficou ferida.

Ao se estudar um meio de comunicação, pode-se entender não só o meio em si, como a cultura local em que ele está inserido, assim como a sociedade que ele faz parte. A jornalista Priscila VIUDES escreve sobre a importância social de se estudar e entender a imprensa e como isto reflete na sociedade e vice-versa.

A imprensa pode ser uma importante ferramenta para a compreensão da sociedade, em função do largo alcance e de sua influência na maneira como as pessoas apreendem a realidade e dão sentido para os fatos. Na historiografia, os estudos que utilizam a produção midiática como fonte histórica são considerados recentes, assim como outros métodos que foram adotados para responder as demandas sociais que transformaram a disciplina a partir da década de 70. (2009, p. 26)

Conversando com o argumento de VIUDES, CASTELLS aborda que a comunicação de massa molda a cultura e a forma como a sociedade percebe a realidade. Ou seja, a percepção pública sobre determinado assunto pode ser moldado pelos meios de comunicação de massa.

"[...] a comunicação, decididamente, molda a cultura porque, como afirma Postman, " nós não vemos ... a realidade ... como "ela" é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura." Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo." (1999, p.414)

Tendo em vista que a imprensa pode moldar a cultura e a percepção de uma massa, CAPELATO e PRADO argumentam que um meio de comunicação não pode ser encarado como neutro, mas um veículo que é fundamentalmente tendencioso e tem como interesse manipular uma massa social.

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero veículo neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (1980, p.19)

Ao estudar a o objeto fotográfico, EDWARDS e HART, argumentam que a fotografia é mais do que um simples objeto, ela também funciona como sujeito e reflete a cultura em que está inserida. O objeto fotográfco pode ser entendido como um objeto tridimensional, assim como uma imagem que reflete uma realidade e pode ser interpretada e analisada de diferentes maneiras, conforme a sociedade em que está inserida.

The central rationale of Photographs objects hirtoryies is that a photo graph is a three-dimensional thing, not only a two-dimensional image. As such, photographs exist materially in the world... as subject to additions to their surfasse or as drawing their meanings from presentation forms such as frames and albums. (2004, p. 01)

A fotografia pode ser vista como uma obra elaborada por um artista, desta forma podemos entender que a fotografia pode refletir uma ideia que o fotógrafo buscava transmitir. COLLI aborda que a obra é mais do que o artista, sendo imutável e pensa por si, transmite conceitos independentemente do autor, sendo assim, é um sujeito. “...uma obra de arte condensa um pensamento, e que esse pensamento não é o do artista: é o pensamento da obra. O artista, o criador, é um indivíduo que pensa como cada um de nós, por meio de palavras e de frases. (2010, P.67)”

Ainda segundo COLLI, a fotografia, sendo um objeto material, desencadeia pensamentos sobre o mundo. Ao desencadear pensamentos e expressar ideias e conceitos, a fotografia, como objeto da materialidade, deixa de ser apenas objeto e passa a ser um sujeito pensante e independente do seu autor.

Graças à materialidade daquilo que são feitos, um quadro, uma escultura, seja o que for, desencadeiam pensamentos sobre o mundo, sobre as coisas, sobre os homens...Essa autonomia me faz reiterar que o princípio da obra de arte como pensamento material e objetivado deixa de ser objeto, torna-se sujeito, sujeito pensante. (2010, P.67)

A ideia que um objeto material, ao se tornar sujeito, pode ser mais complexo e cheio de significados e significantes, do que apenas o que ele é fisicamente. Em seu estudo sobre as manifestações religiosas em Salvador – BA, FLEXOR identifica que um objeto pode representar até mesmo um local ou outro objeto, não sendo reduzido apenas ao objeto que é. Sua significação pode ir além do que o objeto é em um primeiro olhar,

para exemplificar esta questão ela exemplifica a representação da rocha em que Jesus Cristo foi crucificado, que era retratada como uma base de crucifixos espalhados pela cidade de Salvador, assim como pela Espanha, sendo inclusive proibido erguer uma cruz sem representar a rocha.

As imagens ou esculturas de roca foram acrescentadas ao cenário de rocha ou rochedo, particularmente na região da Andaluzia, na Espanha, onde se popularizaram. Eram, muitas vezes, feitas de papel machê<sup>74</sup>, substituído pela madeira, formando uma montagem de ripas, simulando o corpo, ou tinham estrutura rústica do corpo, oco por dentro, o que reduzia o peso dos andores e permitia o uso de grandes conjuntos que desfilavam pelas ruas das cidades. (FLEXOR, 2014, p.22)

Tendo em vista estes dados, a fotografia pode representar e significar mais do que apenas um objeto tridimensional, ela tem significado, como sujeito cria conceitos, representações diversas e pode transmitir ideais.

### **Análise das fotografias**

Para a construção do presente artigo, serão abordadas imagens publicadas ao longo das matérias jornalísticas, assim como as fotografias destacadas na *home page* dos jornais. Para entender o conceito que busca ser transmitido pela figura, para tal, ela não será analisada individualmente, mas sua concordância com legenda e título da notícia.

As matérias abordadas em geral tratam da ocupação da fazenda Ivu em Caarapó. A fazenda foi ocupada no dia 12/06, um domingo. Os ataques ocorreram no dia 14/06, uma terça-feira. A Polícia Federal investiga o caso, até a conclusão deste artigo (19/07), nenhum responsável foi preso, indiciado ou identificado oficialmente pelas autoridades responsáveis.

A primeira fotografia analisada será na *Home page* do G1 MS, filiado à rede Globo e TV Morena. A postagem foi realizada no dia 14 de maio de 2016, ou seja, o conflito de terra era recente, havia começado há pouco tempo e o ataque aos indígenas era uma notícia extremamente recente. A imagem possui destaque na página inicial do site, mas ainda se apresenta menor do que notícia esportiva. A fotografia embora receba o título relacionado aos indígenas baleados, apresenta uma área com significativa presença policial e fumaça ao fundo, indicando uma zona caótica.

Figura 2 – Home do portal de notícias do G1 MS destaca confronto em Caarapó - MS



Fonte: Home Page do G1 MS em 14/05/2016

Ao abordar decisão judicial sobre reintegração de posse da fazenda ocupada para os produtores rurais, a foto escolhida retrata os indígenas como agressivos e armados, passando a ideia de que fazem parte de um grupo armado e organizado tal qual uma milícia. Desta forma, pode-se entender subjetivamente que os indígenas são invasores e criminosos e não um povo que reivindica direitos perdidos há décadas.

Figura 3: Indígenas aparecem armados e demonstrando hostilidade em notícia que aborda determinação da Justiça por reintegração de posse de fazenda onde ocorreu o conflito



Fonte: Douradosnews em 07/07/2016

Ao tratar da reivindicação de posse, o portal online da Rádio 94 FM de Dourados, a figura usada na matéria retrata os indígenas como posicionados de forma

hostil, embora o título aborde os feridos e o indígena assassinado, o texto não conversa com o texto, este apenas explica uma decisão judicial, assim como a imagem, que não apresenta os feridos devido a uma retaliação à ocupação.

Na notícia postada pelo jornal Caarapó News de Caarapó, não só retrata novamente os indígenas como hostis e belicosos, como os classifica como invasores de terras e não ocupantes, assim como não retrata suas motivações reivindicações civis e legais. Não dando ênfase aos indígenas feridos nem mesmo ao assassinato.

Figura 4: Indígenas são apresentados de forma hostil em notícia sobre decisão judicial.



Fonte: 94Fm de Dourados em 06/07/2016

Figura 5: Jornal da cidade onde ocorreram os conflitos destaca os indígenas como hostis e invasores e não dá ênfase nos feridos por ataques de produtores rurais.



Fonte: Caarapó News em 16/06/2016

O jornal MS Diário destaca em seu texto o ataque aos indígenas feridos, mas apresenta uma imagem pequena e de baixa qualidade, possuindo apenas informações superficiais sobre o corrido na Fazenda Ivu em Caarapó. A imagem apresenta os indígenas reunidos na fazenda ocupada.

Novamente, pouco se preocupa em retratar os indígenas feridos, dando maior destaque à ocupação em si, deixando o ataque e assassinatos em segundo plano, deixando estes em menor destaque e pouco os representando em quantidade nas imagens ou textos, ficando restritos basicamente aos títulos das notícias.

Figura 6: Imagem apresenta indígenas reunidos na fazenda ocupada.



Fonte: MS Diário em 16/06/2016

Nenhum outro jornal da região analisado deu ênfase nos feridos em textos ou fotografias, as fotografias apresentavam substancialmente os indígenas de maneira hostil ou em uma região que indique um sério conflito, pouco destaque foi dado aos feridos ou ao jovem indígena Clodiudo Aguiar Rodrigues dos Santos, de 26 anos, assassinado durante o conflito na fazenda Yvu.

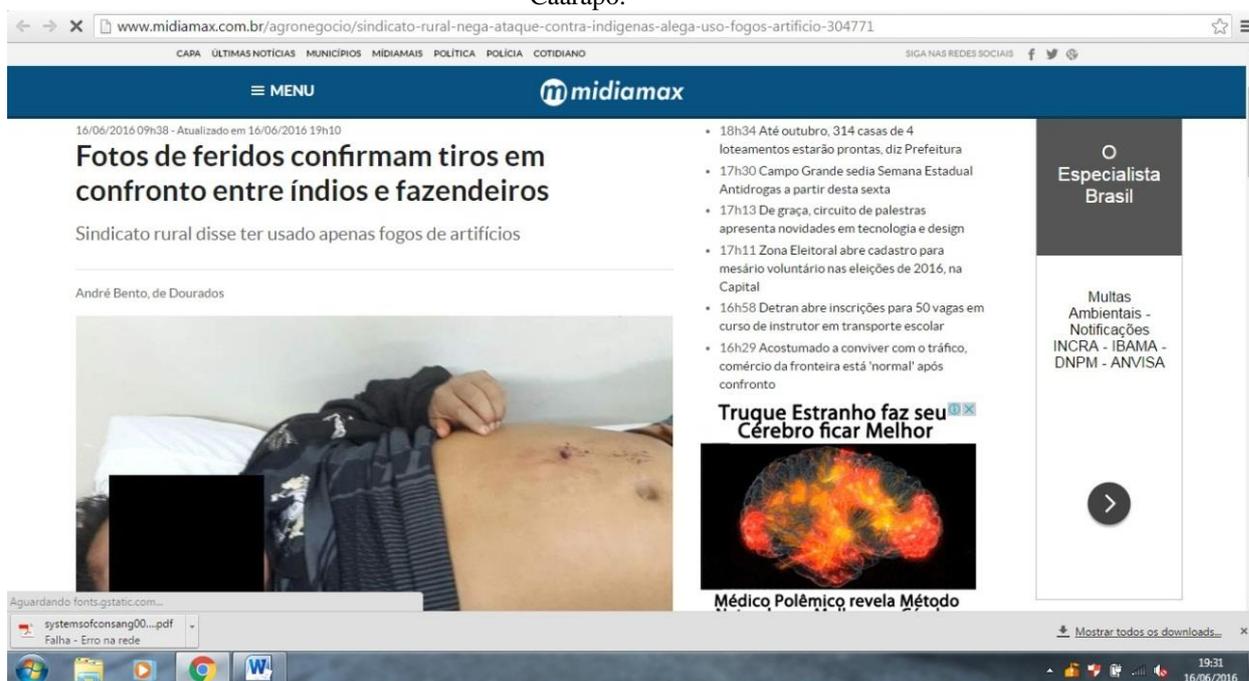
### Fotografia como fonte

As fotografias mostraram-se importantes como colaboradora da verdade, pois serviram como prova à imprensa de que os ataques contra os indígenas em junho de

2016 em Caarapó haviam sido reais. Inicialmente a mídia local tratou o assunto como um possível boato, principalmente em relação aos indígenas baleados.

O jornal online de Campo Grande, um dos mais antigos da cidade e com maior número de acessos, destacou a importância das fotos como provas substanciais dos ataques. Nas imagens, os indígenas aparecem sendo atendidos em hospitais da região e apresentam ferimentos pelo corpo, causados pelas armas de fogo.

Figura 7: Jornal campo-grandense destaca fotografias de ataques como provas do ataque ocorrido em Caarapó.



Fonte: Home Page do jornal Midiamax em 16/06/2016

Sites nacionais retratam o descaso do governo e das autoridades, já que estes haviam sido informados das ameaças sofridas pelos indígenas na região de Caarapó. A imagem destacada na notícia do site Justificando, apresenta um indígena com semblante desesperado que clama por justiça para seu povo, próximo à militares, o que reflete uma reivindicação às autoridades competentes e à Justiça brasileira, responsável por cuidar das demarcações de terras.

Figura 8: Portal de notícias nacional retrata dor e sofrimento de indígena que clama por justiça.



Fonte: Justificando em 16/06/2016

## Conclusão

Através da análise das fotografias e seu papel como objeto de estudo, como este funciona como um sujeito e produtor de significados. Assim como uma análise das fotografias publicadas nos jornais da região e nacionais relacionados ao conflito, pode-se concluir que os jornais regionais destacaram a ocupação da fazenda Yvu. AO relacionar os títulos e conteúdos das notícias com as imagens fotográficas utilizadas, percebe-se que os jornais da região do cone-sul do MS vem tratando o caso como invasão e de forma pejorativa e associada a uma prática ilegal, enquanto os feridos e o caso de assassinato receberam menos atenção por parte da mídia local.

As imagens constantemente retratavam os indígenas que ocuparam a fazenda como um grupo perigoso e hostil, mesmo quando a matéria jornalística tratava de um indígena assassinado ou sobre decisão judicial desfavorável a eles. Sendo a mídia um órgão que pode moldar tendências, culturas e ideias, assim como a fotografia é um sujeito que produz significados e conceitos, pode-se concluir que as notícias e fotografias utilizadas, em sua maioria buscavam retratar os indígenas como invasores e pessoas que agiam contra a lei, descartando a luta social desta população e sua reivindicação por direitos adquiridos pela constituição de 1988.

### **Referências bibliográficas:**

CAPELATO PRADO, Maria L. *O Bravo Matutino*. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980.

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

COLI, Jorge. Materialidade e imaterialidade. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 34, p. 67-78, 2010.

EDWARDS, E. & HART, J. *Photographs, Objects, Histories: on the materiality of images*. Londres: Routledge. 2004.

FLEXOR, Maria Helena Ochi . *Religiosidade e suas manifestações no espaço urbano de Salvador*. Anais do Museu Paulista, São Paulo/SP, 2014, v. 22, n.2

VIUDES, Priscila. *Índios nas páginas d'O progresso: representações da desnutrição infantil no jornal*. PPGH/UFGD, Dourados, 2009